



HISTÓRIA GLOBAL: um caminho para a desconstrução eurocêntrica?

Amanda Cristina Amorim Silva Neves (PPGHIST)¹

INTRODUÇÃO

Na década de 1990, houve um crescimento significativo na preocupação dos historiadores para com os discursos eurocêntricos dentro da narrativa da História Geral. Dessa forma, por meio da história comparada, se estabeleceria um paralelo, por exemplo, entre a historiografia de Heródoto e de Sima Qian (STUURMAN, 2008) ou as manufaturas de Lancashire e de Shangai (POMERANZ, 2000), levando em conta suas especificidades e contextos históricos.

Por meio das histórias transnacionais, poderia se discutir tanto sobre assuntos referentes as corporações e Organizações não governamentais (ONG), quanto referentes aos movimentos sociais internacionais (FINK, 2011). Dentro das histórias conectadas, poderia se explorar mais a fundo as redes e fluxos de ideias que serviam como fundamento para determinadas sociedades, além dos fundamentos eurocêntricos pré-estabelecidos (SUBRAHMANYAM, 1997; 2005).

Através das histórias do sistema-mundo poderia se discutir sobre a centralidade das economias chinesa e indiana ao longo dos milênios, com a curta exceção dos dois séculos e meio de hegemonia industrial ocidental (FRANK; GILLS, 1993). As histórias “grandes” (Big Histories), ajudariam a compreender melhor a história humana no quadro do tempo geológico de uma história planetária e, em algumas vezes, cósmica (CHRISTIAN, 2004). Sobre as histórias das múltiplas modernidades, poderia se levar em consideração, discussões a respeito do vínculo existente, por exemplo, entre a modernidade/secularização, acrescentando um olhar sobre as modernidades chinesas, indianas, latino-americanas, etc., além da eurocêntrica (SACHSENMAIER et al., 2002).

Por meio das histórias pós-coloniais, poderia se levantar questões sobre os múltiplos casos de hibridismo cultural e transculturalidade na construção de novas formas

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em História (PPGHIST) na Universidade Estadual do Maranhão. E-mail: manda_crys@hotmail.com



culturais (YOUNG, 2001). As histórias mundiais colaborariam para com a construção de narrativas que pudessem abranger também, as trajetórias de todas as sociedades de todas as regiões do globo (BAYLY, 2011; BENTLEY, 2011).

Como ponto de partida para o discurso que viria fomentar a História Global posteriormente podemos elencar o nascimento de um discurso pautado na microhistória que nasce como reação a inércia da História e a explicação sempre muito simplificada do um eterno equilíbrio na história do mundo, utilizando conceitos definir coisas como “mundiais” de forma extramemamente mecânica.

Uma estrutura fundamentalmente mecanicista, positiva, não prevendo realidades históricas que precisam ser lidas por dentro, com “microscópios”. O ato de complexificar, ler com mais atenção e até mais profundamente a historiografia e sobretudo contextualizar e romper com a ideia do que é globalização.

A globalização é um conceito importante para “sistemas financeiros”, porém, é fatal para o entedimento de mundo, pois o mundo é mais fragmentado e menos bipolarizado entre duas perspectivas. O mundo é feito de vários campos: História das Mulheres, História dos Vencidos, História dos Camponeses, isso tudo contribuiu para a necessária fragmentação da História. Ver as estruturas com um olhar que fugisse a máscara totalizante.

Os estados são objetos de estudo e se conectam dentro da capacidade de fragmentação. A ideia de micro não corresponde a uma História “pequena” e sim a análise a partir de um microscópio e um globalista pode e deve analisar assim, evitando generalizações e criando métodos que as evitem na construção dos estudos sobre diversos conteúdos.

A verdade sempre será parcial, porque conta com o surgimento de novas perspectivas, buscando sempre uma “realidade” inestinguível, ou melhor, uma acumulação de várias verdades. Em busca de possibilidades e percebendo que os materiais nos mostram trabalho infinito, fonte inesgotável e sempre incompleta.

Observamos um movimento de construção de uma história não eurocêntrica a partir de uma crise na dinâmica contemporânea de estado nacional que tínhamos no



final do século XX. A História Global ganha um espaço no cenário mundial a partir da publicação dos trabalhos sobre a área na revista *The American Historical Review* e *Past & Present* em meados de 2006.

Fazendo uso das histórias da globalização, poderia se analisar determinados processos que levaram à globalização contemporânea, seja ela situada nos últimos quarenta, duzentos ou quinhentos anos (OSTERHAMMEL, 2011). Essas várias possibilidades de abordagens historiográficas, de acordo com François Hartog, destaca a multiplicidade de agendas ético-políticas e acadêmicas envolvidas na refundação não apenas das narrativas historiográficas, como também de regimes de historicidade no quadro do presentismo (HARTOG, 2003, p. 32).

Arelado a tudo isso, ao se pensar a História Global, não se trata apenas de um novo campo historiográfico, mas sim, como uma nova abordagem ou perspectiva historiográfica (CONRAD, 2016). O que difere a História Global das “histórias mundiais” ou “histórias grandes”, é que esta leva em consideração, os processos históricos supranacionais de conexão e criação de fronteiras, lançando mão (quando necessário) de recursos comparativos.

Categories como conectividade, emaranhamento, transferência, rede, fluxo, circulação, integração e fronteiras seriam os recursos de uma abordagem aplicável aos mais diferentes campos do conhecimento histórico, da história da historiografia à história do nacionalismo, da história das representações de gênero à história da luta de classes. (CONRAD, 2016, p. 55)

Sebastian Conrad, ao trabalhar a questão da História Global, fez um extenso levantamento bibliográfico na busca por uma especificidade da abordagem histórico-global no quadro de tendências concorrentes. De acordo com o mesmo, tal abordagem se distancia das “histórias mundiais”, com as quais compartilha as estratégias comparativas e a ênfase nas conexões, a partir de oito escolhas metodológicas (CONRAD, 2016, p.65), dentre elas: (1) as histórias globais articulam macro e microanálises, buscando as dimensões (potencialmente) globais de fenômenos concretos; (2) as histórias globais trabalham com diferentes noções de espaço, elencadas em função dos objetos e não a partir de escolhas a priori; (3) as unidades históricas são compreendidas em sua interação, fugindo das visões isolacionistas tradicionais nas histórias nacionais (muitas vezes



reforçadas pelo método comparativo); (4) a História Global participa da “virada espacial”, o que faz com que as metáforas temporais como “desenvolvimento” e “atraso” deem lugar a metáforas espaciais, como “circulação”, “rede”, “territorialidade” etc.; (5) a sincronicidade de fenômenos conectados é enfatizada ao lado, ou às vezes sobre, a diacronia das perspectivas de longa duração e suas continuidades; (6) a maior ênfase aos estudos de área é tomada como forma de superar o eurocentrismo das narrativas gerais; (7) a posicionalidade (ou lugar de fala) do historiador é explicitamente reconhecida, impedindo abstrações que fundamentariam supostas objetividades; e (8) as histórias globais procuram ir além da análise das conexões, analisando as formas de integração (mais ou menos estruturadas e estáveis) e de transformação social sistêmica, cujas causas, buscadas no nível (potencialmente) global, respondem a diferentes lógicas e fatores.

O último ponto é considerado central para o autor, visto que, a partir dele se discute o problema da causalidade da transformação estrutural. De acordo com Conrad:

[...] integração estruturada não pode ser atribuída a uma única causa ou conjunto de causas. Uma tarefa da História Global como perspectiva é precisamente entender a relação de diferentes causalidades operando em uma grande escala. Existem épocas e lugares em que relações comerciais exercem o papel principal, e existem momentos em que a coerência global foi acelerada pela mudança tecnológica. No geral, é útil entender a integração global não como o produto de um fator isolado, mas como o resultado de estruturas sobrepostas. (CONRAD, 2016, p.108)

Levando-se em consideração o debate proposto por Sebastian Conrad pode-se perceber que, a perspectiva histórico-global acaba por incorporar também os debates que atravessaram as Ciências Humanas em geral e a historiografia em particular durante o século XX. Nesse caso, pode-se destacar as diferentes reações ao estruturalismo na forma da micro-história, do retorno da narrativa, da ênfase na agência dos sujeitos e da releitura do papel estrutural do evento (NOVAIS; SILVA, 2011).

Dessa forma, a abordagem histórico-global visa a integração de forma crítica das várias abordagens que contribuem para com a construção de histórias de processos de integração, nas quais a modernização ocidental é um dos exemplos, e não a referência única da integração. O termo global implica na possibilidade do estabelecimento de



contatos próximos ou remotos sem que isto signifique instaurar um todo homogêneo ou unificado, pois os vácuos e incertezas são próprios do global.

Se bem a “globalidade” está vinculada a um processo contemporâneo, alguns especialistas têm estendido o conceito a toda a modernidade e posteriormente a todo processo de integração econômica e cultural dos “mundos conhecidos”. Essa perspectiva anda de mãos dadas com a noção de transnacionalidade, menos datado e mais plástico que o anterior. Como aponta Fonseca e Silva: Desse modo, no atual debate da área, fica evidente a preocupação em localizar, no campo da História, questões problematizadoras que remetam ao tempo em que vivemos e a outros tempos, num diálogo crítico entre a multiplicidade de sujeitos, tempos, lugares e culturas. (FONSECA e SILVA, 2010, p.24)

A proposta transnacional e conectada, ao contrário, busca reconstruir a estrutura da narrativa histórica que se difundiu ao redor do mundo e também no contexto escolar tradicional. Nesse caminho, auxilia a construção de uma nova narrativa histórica, em sala e para os alunos, já que nos obriga e rever as entrelinhas das generalizações já tradicionais. Como coloca Calvo (2016), quando conectamos realidades históricas aparentemente desconectadas, é possível:

- 1) educar o olhar dos alunos para compreensão das heterogeneidades em processos históricos aparentemente homogêneos, rompendo com o discurso generalista que caracteriza o saber histórico escolar;
- 2) desenvolver a percepção de que os fenômenos históricos sincrônicos não são lineares, sendo assim processos abertos com um amplo horizonte de possibilidades;
- 3) desconstruir os recortes nacionais como única forma de abordar a história, construindo recortes que privilegiem a integração dos conteúdos de História da África a História Geral, sem que haja um único centro narrativo;
- 4) desenvolver periodizações condicionadas pelas histórias conectadas que relativizem o enquadramento quadripartite tradicional e o universalismo europeu;
- 5) produzir uma percepção não evolucionista da própria identidade cultural, assim como da alteridade, respeitando as diferenças sem hierarquiza-las;
- 6) construir categorias de análise capazes de relacionar os diferentes personagens espalhados pelo universo transnacional em questão. Além disso, do ponto de vista político-ideológico, acreditamos que o trabalho com histórias conectadas pode oferecer ao aluno uma História Geral mais justa e democrática, na medida em que abre espaço para a pluralidade de perspectivas históricas



A História Global traz uma urgência concreta pautada em propor e estabelecer a leitura dos fenômenos históricos através de uma noção mais integrada de relações, experiências e o próprio tempo e como este vem sendo discutido dentro das periodizações tradicionais da História. Viabilizando então a elaboração de uma “nova história” ou melhor, um novo método de entender as histórias já cristalizadas ou até mesmo sacralizadas. (CROSSLEY, 2015, p.20)

Ver a História de uma forma mais ampla está atrelado a entender as complexidades das relações ao longo dos séculos, é compreender que a história humana é pautada em diversos padrões de funcionamento e principalmente compreender que esses padrões se misturam e atuam de modo a coexistir. E o caminho para isso é pensar a integração das comunidades ao redor do globo.

Aqui nos cabe citar o exemplo da expressão “Império”, o império nada mais é que uma comunidade que tem estruturas que os mantem conectados, estruturas essas que pode ser moedas, formas de governo ou uma razão pela qual lutar ou morrer. O conceito de integração então surge como aporte teórico para entendermos essa operação de imperialismo como uma rede de conexões que surgem entre colônia e metrópole e vice versa.

Vale lembrar que a História Global como já comentamos é um mecanismo muito importante na quebra do eurocentrismo enquanto categoria, uma vez que ela se utiliza da macronarrativa para pensar as vozes silenciadas. Tentando localizar a Europa na periferia e mostrar que o crescimento do continente se deu por relações de coesão e que nos permitem avaliar a história de uma perspectiva afroeuroasiática.

A HISTÓRIA ANTIGA VISTA PELA HISTÓRIA GLOBAL

O recorte estabelecido e nomeado como História Antiga se estabeleceu como um período historiográfico que traz o “começo” ou a “formação” de uma gama de questões, tais como a construção de problemas, o surgimento de objetos de estudos e sobretudo o tal “berço” de determinadas características que são ligadas de alguma forma a uma



civilização e são utilizados ao decorrer do tempo por outras através de uma transmissão pura como o se o receptor fosse uma tabula rasa.

O Eurocentrismo se estabelece como um dos principais problemas estabelecidos por essa forma de ver e entender o mundo. Ver os acontecimentos e experiências de ordem grega ou romana como o início de tudo e o primeiro passo para a construção de uma trajetória que nos levaria ao mundo moderno não só privilegia as tais “contribuições” desses povos, mas também marginaliza todo e qualquer contributo de outros povos a um papel secundário. (Guarinello, 2004; Vlassopoulos, 2007, p. 2)

A metodologia aplicada durante a modernidade e a idade contemporânea estabeleceu discursos que levaram a antiguidade ser conhecida como uma temporalidade de nações, nações essas lidas como os filtros de hoje e de forma singulares como se fossem unidades e se construíram narrativas históricas de civilizações antigas que foram o começo de tudo, as grandes contribuintes para a história do mundo como se nada acontecesse em paralelo a elas.

A História Global aparece na História há algumas décadas, sendo no Brasil um pouco mais recente, podendo ser data há no máximo sete anos, através de grupos de pesquisa de História Conectada e de História Global propriamente dita, como o Conrad (2016) discute o quanto a perspectiva global é a história dos contatos, dos processos de integração ou mundialização.

E para isso não precisamos fazer viagem ao redor do mundo e nem se fixar a etimologia da palavra mundo como algo que vá aos quatro cantos, a História Global entende a perspectiva de micro mundos, de estruturas capazes de formatar contatos que nos fornecem realidades possíveis de estudo, como por exemplo, o Mediterrâneo que é claramente modulo de integração de todos que ali navegavam.

Partindo dessa ideia, destacamos que a História e Conectada sempre esteve presente, o capitalismo apenas adicionou elementos que giram em torno da dominação, da produção e do consumo. A estrutura do capitalismo traz uma noção de globalização,



mas as integrações sempre existiram, mundial ou global, o tudo ou todo, mas também a totalidade que pode ser entendida como uma categoria interna ou grupo.

Podemos estabelecer a bacia mediterrânica como uma extensão do Império Romano quando pensamos o nível de navegantes e a quantidade de pessoas diferentes pessoas que ali passavam para trocas comerciais, vendas e consequentemente trocas culturais, nessa perspectiva podemos analisar esse espaço como um mini processo de integração e globalização que está em contínua expansão.

Nesse sentido, é importante usar a perspectiva de antiguidade de Norberto Guarinello (2004), que critica o eurocentrismo morfológico que, construiria uma coerência temporal e linear para de experiências materiais radicalmente diversas, o que ele denomina de “formas”. As formas, ou modelos, seriam as grandes concepções acerca da História da Antiguidade, que forjariam uma lógica fictícia e harmonicamente organizada em um tempo linear, que não leva em consideração as diferentes temporalidade e espacialidades destas “formas” eleitas como grandes marcos civilizatórios, que conferem sentido à nossa cultura.

METODOLOGIA HISTÓRIA GLOBAL NA ANTIGUIDADE	
NÚMERO	VARIADAS GLOBALIZAÇÕES (SISTEMA MUNDO)
ESFERAS	MUNDOS: ECONOMIA, POLÍTICA, CULTURA, GUERRAS, MOEDAS, FERRAMENTAS, ETC; (CORRENTES DE GLOBALIZAÇÃO)
TEMPO	GLOBALIZAÇÕES ANTIGAS
ESPAÇO	MACROREGIONAL E MICROREGIONAL (REDES, COMUNIDADES)

A HISTÓRIA DE ROMA PODE SER CONSIDERADA HISTÓRIA EUROPÉIA?



A História de Roma sempre foi localizada de forma equivocada na História da Europa, pois essa noção não existe para a antiguidade, a simples ideia de oriente e ocidente é uma construção posterior. As fronteiras desse período são outras. O Império Romano por exemplo, que está inserido na rede do Mediterrâneo é pensado como um mini processo de integração e globalização que se expande e representa uma modelo de integração e esfera de poder.

A categoria de Impérios-mundo se destaca nas análises de Finley, Eisenstadt, Polanyi, entre outros. Construções que abriram o caminho para a criação dessa estrutura que além de ter o dinamismo tão buscado demonstra a relação entre periferia e centro. Segundo Wallerstein (1974) podemos perceber a existência de semiperiferias utilizando uma visão mais moderna daquele contexto.

Estes seriam grupos intermediários, que possuem relações “privilegiadas” com comerciantes por exemplo e isso nos permite pensar uma relação de conectividade inserida nesse contexto, uma noção de circularidade que vai além da geografia do lugar. Demonstrando que as “fronteiras” que a modernidade pensa para a antiguidade não cabem na realidade desse período.

Ainda nessa linha, é perceptível que os limites ainda que imaginários dos impérios-mundo não são nem de longe homogêneos mesmo quando existe uma delimitação territorial ou uma cultura nacional. O império-mundo funciona como uma rede que tem vários nós e esses nós funcionam de forma independente apesar de voltados para o centro:

“Impérios-mundo” são vastas estruturas políticas (no ápice de um processo de expansão e contração que parece ser seu destino) e encompassam uma grande variedade de padrões culturais. A lógica básica do sistema é a extração de tributos de produtores diretos (majoritariamente rurais), que em situações diferentes seriam autoadministrados localmente, tributos que são passados para o centro e redistribuídos para uma fina, porém importante, rede de oficiais. (RENFREW,1987, p. 317)

Segundo Wickham (2019, p. 317) a noção de império-mundo facilmente poderia ser vista como o capitalismo visto no mundo moderno, que se expande, tem teias ao redor de vários espaços e permite a integração de povos ou comunidades de diferentes ideais,



obviamente guardada suas devidas proporções. No caso do império-mundo localizado em Roma, este sempre foi visto como central e um dos basilares da História Europeia.

Do ponto de vista geográfico, Roma nem estava no centro e sim numa grande extensão de Leste ao Oeste, tendo ligações ao longo de todo Mediterrâneo e sendo vizinha de outros impérios, o que confere uma noção de quebra desse tal centro. O Império Romano tinha “tentáculos” em regiões da Ásia, África, entre outros, zonas que tinham comunicação com o Império, mas que não é totalmente dependente.

A realidade do contexto romano, é que se faz impossível estabelecer uma análise



Figura 1- Vidro Azul Romano (Museu Romano-Germânico de Colônia)



Figura2- Vaso romano em forma de porco, feito de vidro azul. Era usado para armazenar óleo ou perfume. Foi encontrado em um cemitério da colônia, atualmente se encontra no Museu Külh.

material. Mas porque o vidro é tão interessante para constatamos uma circularidade e o

exemplo palpável de inserção cultural bilateral entre povos. A coloração azul vem do óxido de cobalto ou óxido de cobre, quando moído e adicionado ao vidro fundido.

desse sistema mundo apenas pelo viés econômico, pois todas as estruturas estão ligadas nesse período. A exemplo disso utilizaremos o exemplo do uso do vidro pelos romanos, o material que não uma data correta para sua descoberta, mas estima-se que seja em 2.500 a.C. no território da Mesopotâmia e Egito e geralmente na cor azul.

O material fora utilizado ao redor do mediterrâneo como uma joia por muito tempo e essa era sua principal forma de comércio, como uma joia e só em meados do século I a.C. é que percebemos o aparecimento da técnica de sopro para a construção de esculturas e mais pra frente vemos a utilidade desse material. Mas porque o vidro é tão interessante para constatamos uma circularidade e o

exemplo palpável de inserção cultural bilateral entre povos. A coloração azul vem do óxido de cobalto ou óxido de cobre, quando moído e adicionado ao vidro fundido. O vidro tem sua primeira aparição na Síria e o sopro, técnica utilizada para dar forma ao material chega até Roma onde os romanos começaram a utiliza-lo para servir bebidas nas festas da elite durante o período da República Romana (509-27 a.C.). O interessante aqui é a percepção do povo do lácio que recipientes feito com



Figura 3- Garrafa de azeite e um pão torrado encontrados na cidade de Pompéia.



esse material não deixavam o cheiro do conteúdo impregnar o ambiente, então além de vinhos começaram a reservar azeites.



Figura 4 – Vaso de Vidro pintado com cena de gladiador e besta. Século 2 d.C.

A utilização de utensílios de mesa com esse material pode ser percebida na Etrúria, atual território da Toscana e também na região da Magna Grécia² que fica mais ao sul da Itália, na região da Sicília. Nesse sentido a “indústria” do vidro de Roma surge de forma inesperada e se desenvolve e ganha espaço no mercado por estar junto do crescimento de Roma enquanto potência militar, econômica e política.

A técnica do vidro soprado que não é romana de natureza e que permitia que os artesãos tivessem uma infinidade de variações de formato e sua potencialidade de utilização por conservar de forma inodora traz uma veia mercadológica e a noção de circularidade de técnicas e vendas no caldeirão de cultura que é o Mediterrâneo.

Roma, se utiliza das duas formas de trabalhar com o vidro, o vidro fundido e o soprado e as decorações sofrem uma influência forte do mundo helenístico. Os fabricantes de vidro localizados ao leste do Mediterrâneo têm total inserção na dinâmica de indústria do vidro no território romano. E atualmente se encontra objetos de vidro em quase todos os sítios arqueológicos não só os do Império Romano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos que é necessária uma revitalização de alguns conceitos pré estabelecidos ao longo da História no que se refere ao uso da antiguidade como berço da cultura, das técnicas e sobretudo das mentalidades. Um olhar mais cuidado para o período em questão precisa inicialmente estar despido dos filtros da modernidade e segundo entender que

² Magna Grécia era a denominação que recebia o sul da península Itálica, região colonizada na Antiguidade pelos gregos depois da segunda diáspora grega. Num sentido mais amplo, inclui também a ilha da Sicília, onde também se verificou o fenômeno de colonização grega. O nome deriva do latim Magna Graecia (em grego, Megale Hellas), "Grande Grécia", porque para os colonos, que vinham de uma Grécia caracterizada pelo seu relevo montanhoso e pelo excesso populacional, as terras da Itália pareciam estender-se infinitamente.



circularidade e contato entre os povos é o que marca a História Antiga, seja ela de Roma ou qualquer outro território estabelecido nesse tempo histórico.

REFERÊNCIAS

CONRAD, S. **What is global history?** Princeton: Princeton University Press, 2016.

CROSSLEY, Pamela Kyle. **O que é história global?** Petrópolis: Vozes, 2015.

FONSECA, T. N. L. **História & Ensino de História.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Uma morfologia da História:** as formas da História Antiga. *Politeia, Vitória da Conquista*, v. 3, n. 1, p. 41-61, 2003.

_____. **História Antiga.** São Paulo: Contexto, 2014.

HARTOG, F. **Tempo, história e escrita da história:** a ordem do tempo. *Revista de História*, n.148, p. 9-34, 2003.

NOVAIS, F.A.; SILVA, R. **Nova História em Perspectiva. Propostas e desdobramentos.** São Paulo: Cosac and Naify, 2011.

OSTERHAMMEL, J. **Globalizations.** In: BENTLEY, J. (Ed.). *The Oxford handbook of world history.* Oxford: Oxford University Press, p. 89-104, 2011.

POMERANZ, K. **The great divergence:** Europe, China, and the making of the modern world economy. Princeton: Princeton University Press, 2000

RENFREW, Andrew Colin. **Varna e o surgimento da riqueza na Europa pré-histórica.** In: APPADURAI, Arjun (Ed.). *A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural.* 1ª ed, Niterói: Ed. UFF, 2008 [1986].

SACHSENMAIER, D. et al. **Reflections on multiple modernities:** European, Chinese and other interpretations. Leiden: Brill, 2002.

SILVA, F.T. **História e ciências sociais:** Zonas de fronteira. *História*, v.24, n.1, p. 127-166, 2005.



SILVA, Tomás Tadeu. **A produção social da identidade e da diferença**; In: SILVA, Tomás Tadeu (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

STUURMAN, S. Herodotus and Sima Qian: **History and the anthropological turn in ancient Greece and han China**. *Journal of World History*, v.19, p. 1-40, 2008.

SUBRAHMANYAM, S. **Connected histories**: Notes towards a reconfiguration of early modern Eurasia. *Modern Asia Studies*, v.31, n.3, p. 735-762, 1997.

VLASSOPOULOS, K. 2007. **Excertos de “An Archaeology of Discourses.”** *Unthinking Greek Polis: Ancient Greek History Beyond Eurocentrism*. Cambridge University Press, 2007

WALLERSTEIN, Immanuel. **The modern world-system I: Capitalist agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century**. Academic Press, 1974.

WICKHAM, C. **O legado de Roma: iluminando a idade das trevas, 400-1000**. Campinas: Edunicamp, 2019.